



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANA ISABEL DA SILVA ARAÚJO

**O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DO PROJETO
BURITI E PROJETO COOPERA**

Campina Grande-PB
2019

ANA ISABEL DA SILVA ARAÚJO

**O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA UMA ANÁLISE DO PROJETO
BURITI E PROJETO COOPERA**

Trabalho de Conclusão de Curso- TCC
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Margareth Maria de
Melo

Campina Grande-PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663n Araujo, Ana Isabel da Silva.
O negro no livro didático de história [manuscrito] : uma análise do Projeto Buriti e Projeto Coopera / Ana Isabel da Silva Araujo. - 2019.
29 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Margareth Maria de Melo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Ensino de história. 2. Livro didático. 3. Negro. 4. História do Brasil. I. Título
21. ed. CDD 372.89

ANA ISABEL DA SILVA ARAÚJO

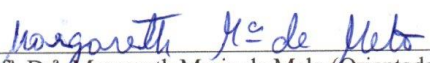
**O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA UMA ANÁLISE PROJETO DO
BURITI E PROJETO COOPERA**

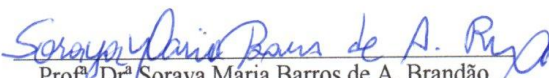
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Pedagogia.


Área de concentração: Educação

Aprovada em: 20/08/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Margareth Maria de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Soraya Maria Barros de A. Brandão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho a minha família, que sempre esteve presente na minha jornada acadêmica, me incentivando e aos meus amigos que também me apoiaram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capa do Projeto Buriti	9
Figura 2- Capa do Projeto Coopera	9
Figura 3- Apresentação do livro Projeto Buriti	10
Figura 4- Ficha dos Autores Projeto Coopera	10
Figura 5- Ficha da Autora Projeto Buriti	11
Figura 6- Sumário do Projeto Buriti	11
Figura 7- Sumário do Projeto Buriti	11
Figura 8- Sumário do Projeto Coopera	12
Figura 9- Lavagem de Diamantes no Projeto Buriti	12
Figura10- Minas de Ouro no Projeto Buriti	12
Figura11- lavagem de Ouro no Projeto Buriti	13
Figura12- mina de Ouro no Projeto Buriti	13
Figura13- Separação de Grãos de Café no Projeto Coopera	13
Figura14- Escravos de Ganho no Projeto Buriti	14
Figura15- Escravos de Ganho no Projeto Coopera	14
Figura16- Abolição no Projeto Buriti	15
Figura17- Abolição no Projeto Buriti	16
Figura18- Resistência no Projeto Coopera	17
Figura19- Resistência no Projeto Buriti	17
Figura 20- Quilombos no Projeto Coopera	18
Figura 21- Abolição no Projeto Coopera	19
Figura 22- Mãos que Construíram o Brasília no Projeto Buriti	21
Figura 23- Salas de Aula no Projeto no Coopera	21
Figura 24- Trabalho Infantil no Projeto Coopera	22
Figura 25- Crianças no Museu no Projeto Buriti	23
Figura 26- Representação Feminina no Projeto Coopera	23
Figura 27- Capoeira no Projeto Buriti	24
Figura 28- Símbolos do Brasil no Projeto Buriti	25

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
	1.1 Apresentação dos Livros Didáticos	8
2	A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO	12
	2.1 Trabalho Escravo	12
	2.2 Resistência Negra e Movimento Abolicionista	14
	2.3 Pós Abolição	20
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
4.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

RESUMO

O ensino de História e Cultura Afro brasileira e Africana previsto na lei 10.639/2003 é obrigatório, para todos os currículos escolares desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Então, a presente pesquisa realizou uma análise comparativa de dois livros didáticos do 5º ano: Projeto Buriti e Projeto Coopera, ambos adotados por escolas públicas do município de Campina Grande. O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que maneira a imagem do negro é apresentada nos livros didáticos de História do 5º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos são: comparar como as imagens dos livros representam o povo negro brasileiro; apontar como as imagens do negro apresentam a sua história no Brasil e, por fim, identificar se os livros atendem a Lei 10.639/2003. A metodologia de pesquisa é documental e bibliográfica, com estudos de autores como Albuquerque e Fraga Filho (2006), Menezes (2009), como também os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Estatuto da Igualdade Racial, dentre outros. A coleta de dados tomou a análise de conteúdo (BAUER, 2013) como referência que considera as semelhanças que se repetem como significativo para o processo de análise que será dividido em categorias, são elas: Trabalho escravo, Resistência Negra, Movimento Abolicionista e Pós abolição. Foi constatado que o negro tem sua representatividade em ambos os livros, sua imagem é mostrada de maneira subalterna, ou seja, na condição de escravo, no decorrer dos capítulos aparecem imagens de negros como protagonistas. Como símbolo de luta e resistência são citados Manuel Congo e Zumbi dos Palmares, líderes de quilombos. A influência negra esta presente na história do país e os livros didáticos abordam de forma superficial, como por exemplo, a capoeira, o samba e o futebol que são citados como símbolos do Brasil. Por fim, concluímos que a pesquisa contribuiu para ampliação dos conhecimentos sobre a temática, permitiu na análise comparativa identificar as lacunas sobre as diversas formas de resistência e a ausência do negro nos primeiros anos após a abolição, porém confirmamos que os dois livros atendem a lei 10.639/2003.

Palavras Chave: Negro; Livro Didático; Lei 10.639.

ABSTRAT

The teaching of Afro Brazilian and African History and Culture provided for in Law 10.639 / 2003 is compulsory for all school curricula from elementary to high school. So, this research conducted a comparative analysis of two 5th grade textbooks: Projeto Buriti and Projeto Coopera, both adopted by public schools in the city of Campina Grande. The general objective of this research is to understand how the black image is presented in the history textbooks of the 5th grade of elementary school. The specific objectives are: to compare how the images of the books represent the Brazilian black people; point out how black images present their history in Brazil and, finally, identify if the books comply with Law 10.639 / 2003. The research methodology is documentary and bibliographic, with studies by authors such as Albuquerque and Fraga Filho (2006), Menezes (2009), as well as the National Curriculum Parameters and the Racial Equality Statute, among others. Data collection took content analysis (BAUER, 2013) as a reference that considers the similarities that are repeated as significant for the analysis process that will be divided into categories, namely: Slave Labor, Black Resistance, Abolitionist Movement and Post Abolition . It was found that the black has his representativeness in both books, his image is shown subalternly, that is, as a

slave, during the chapters appear images of blacks as protagonists. As symbol of struggle and resistance are cited Manuel Congo and Zumbi dos Palmares, leaders of quilombos. The black influence is present in the history of the country and the textbooks approach superficially, as for example, capoeira, samba and soccer that are cited as symbols of Brazil. Finally, we concluded that the research contributed to the expansion of knowledge on the subject, allowed in the comparative analysis to identify gaps about the various forms of resistance and the absence of black people in the first years after abolition.

Keywords: Negro; Textbook; Law 10,639

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é resultado de uma análise comparativa de dois livros didáticos do 5º ano: Projeto Buriti e Projeto Coopera, com o foco na imagem do negro no livro didático.

O interesse pelo tema surgiu a partir de um seminário apresentado em sala de aula do componente curricular Ensino de História, que se referia sobre a vida do negro durante a escravização no Brasil. Posteriormente, com a participação no grupo de pesquisa “Dialogando com Diversidade Étnico-Racial, coordenado pela professora Margareth Maria de Melo, a curiosidade sobre o tema foi ampliada e comecei a participar da pesquisa sobre o Livro Didático (LD).

O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que maneira a imagem do negro é apresentada nos livros didáticos de História do 5º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos são: comparar como as imagens dos livros representam o povo negro brasileiro; Apontar como as imagens do negro apresentam a sua história no Brasil e, por fim, identificar se os livros atendem a Lei 10.639/2003.

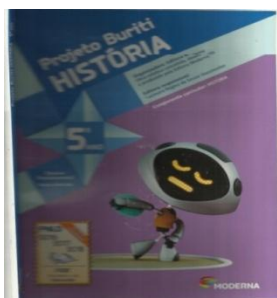
A metodologia de pesquisa foi documental e bibliográfica. Os livros didáticos foram escolhidos aleatoriamente. A coleta de dados exigiu a leitura minuciosa dos livros didáticos. Logo em seguida, foram anotadas todas as semelhanças que gerou as seguintes categorias: trabalho escravo, movimento abolicionista e resistência, visto que, os quilombos estão presentes no texto. Para nosso estranhamento, o pós-abolição não retrata o que ocorreu com o negro, como eles sobreviveram, fica a entender que “ficaram livres e conseguiram voltar pras suas terras.” Identificamos que aparecem algumas imagens que envolvem os negros, muitas décadas depois, Por isso, essa categoria foi indicada.

A seguir apresentaremos os livros pesquisados e, depois discutiremos sobre a imagem do negro nos LD, abordando o trabalho escravo que é o mais mencionado, a abolição que é falada como um movimento, a resistência que trata os quilombos como se essa fosse à única maneira encontrada pelos escravos para lutar. Não se fala nada sobre África e tráfico de escravos.

1.1 Apresentação dos Livros Didáticos

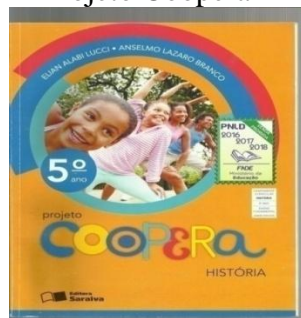
Ao realizar a coleta de dados das obras didáticas do 5º ano Projeto Buriti e Projeto Coopera, evidencia-se que eles mostram o povo brasileiro como maioria de brancos e poucos mestiços e negros. Pode-se notar que é uma informação equivocada que poderá gerar uma exclusão, pois o negro é pouco representado. Mesmo ele aparecendo em figuras e imagens, não é em maioria, mas quando em fotografias de pessoas aleatórias nas ruas em situações negativas vemos que a maioria da população brasileira é negra. Não precisa de documentos pra provar isso, basta olhar ao redor e notamos sua presença constante, mas fica a dúvida: Por que no livro didático o negro não é bem representado? A partir daí foi realizado uma pequena comparação com algumas imagens de ambos os livros, iniciando pela capa Projeto Buriti e em seguida o Projeto Coopera.

Figura 1: Capa
Projeto Buriti



Fonte: VASCONCELOS, 2014

Figura 2: Capa
Projeto Coopera



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

Esses dois livros foram os escolhidos para o estudo de forma aleatória, pois estava disponível com a professora Margareth, orientadora do trabalho, são de editoras diferentes e do mesmo período (2016 a 2018) para uso nas escolas. O primeiro livro tem a imagem de um robô na capa, parecendo demonstrar o avanço da tecnologia na atualidade. Observando mais detalhadamente, esse robô tem uma representatividade: ele é negro e sua feição é triste, pois os olhos e a boca dele estão fechados como expressão de tristeza, ele está carregando um disco, e a sua posição aparenta que ele está a lançar esse objeto, lembrando a prática esportiva denominada: lançamento de disco, também, está usando uma camisa na cor laranja (algo que não é comum um robô usar roupas). Já o segundo livro tem a imagem de uma família negra, essa capa de livro parece representar mais o povo brasileiro. As pessoas da família aparentam estarem alegres num espaço ao ar livre, lembrando um parque, fazendo atividades físicas. O que os autores quiseram transmitir com essas imagens nas capas dos livros de história? O que elas provocam nas crianças e docentes? Será que um docente se sentiria mais atraído para adotar um desses livros por conta destas imagens?

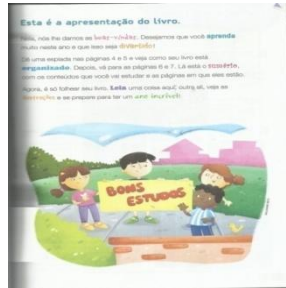
Ambos os livros são indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, para o período 2016, 2017 e 2018. Uma comparação entre o primeiro livro que tem a foto de um robô negro lançando um disco e no segundo livro que tem a foto de uma família em que todos os membros dela são negros são imagens que representam o século XXI, pois o Projeto Buriti está representando a tecnologia, o avanço tecnológico que vivenciamos na atualidade, no entanto, a tristeza do robô pode significar o lugar do negro nessa sociedade, muitos atletas negros são de origem humilde, o negro ainda está nos piores lugares desta sociedade e o Projeto Coopera a família negra está em uma praça pública fazendo ginástica, felizes, bem vestidos. Isso representa liberdade, dignidade, pois há muitas décadas atrás, ou melhor, algumas décadas do sec. XX o negro não era bem visto. Apesar de conquistarem sua liberdade, eles não podiam ir a todos os lugares, como também não eram todos os empregos que eles podia ter, escolas também era muito difícil pra eles, e quando conquistavam algo semelhante as pessoas brancas ficavam incomodadas, somente a presença delas causavam um certo desconforto.

O que pode ser comparado entre ambas às capas dos livros é que está sendo mostrado através de imagens da prática de esportes, a temática negra em que pode ser diferenciado é que o primeiro livro mostra que apesar do avanço da tecnologia, o negro ainda está em situação difícil nesta sociedade, e o segundo livro mostra uma família negra unida que está em condições sociais melhor que muitas famílias antes, que só aparecia em condições desumanas. Houve avanço, pois o negro já conquistou espaço na sociedade, mas ainda é pouco, a desigualdade social é gritante. Após essa análise entre as capas dos livros ficaram alguns questionamentos: será que com os avanços tecnológicos atinge a população negra brasileira, eles tem acesso a tecnologia? Ou será que somente as elites? Será que na prática esportiva a

população negra tem livre acesso? Será que o corpo docente ao trabalhar essa temática sobre a população negra sabe a história de resistência e luta do povo negro?

Sobre a apresentação de cada livro, vejamos o que se apresenta:

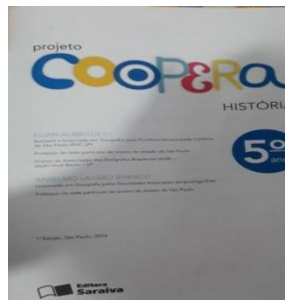
Figura 3: Apresentação do livro Projeto Buriti



Fonte: VASCONCELOS, 2014

A figura 3 é a apresentação do livro Projeto Buriti, mostrando as páginas que irão tratar sobre a organização do livro, sumário e mostra ao aluno que esse estudo pode ser divertido, destacar as ilustrações e conteúdo do sumário. E apresenta uma imagem com quatro crianças vemos três crianças brancas, sendo que uma delas tem o cabelo cacheado, mas bem clarinho e um menino negro. É comum o livro didático colocar mais imagens de crianças ou pessoas adultas brancas que negras, mesmo que os dados de pesquisas apontem que a maioria da população brasileira é preta e parda, portanto, negra. O que essa atitude dos autores quer revelar?

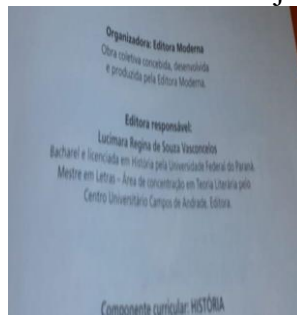
Figura 4: Ficha dos autores Projeto Coopera



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

No livro do Projeto Coopera, aparecem duas apresentações: uma específica para escola pública, que reutiliza o livro de um ano para outro e uma apresentação geral em que destaca a curiosidade e criatividade para que o estudo seja dinâmico e cheio de descobertas. Os autores se referem duas vezes sobre o lugar onde se vive, no entanto, os conteúdos não abordam sobre a história local e fica difícil para o professor introduzir novos conteúdos. Quando a proposta do livro didático é distante da realidade local e de grande abrangência, como dialogar com uma proposta diferente do livro didático?

Figura 5: ficha da autora Projeto Buriti



Fonte: Lucimara VASCONCELOS,2014

A editora responsável pelo livro Projeto Buriti é Lucimara Regina de Souza Vasconcelos fez bacharelado e licenciatura voltada para área de História e é mestre em Letras na área de concentração em teoria literária. Os autores do livro Projeto Coopera são: Elian Alabi Lucci tem bacharelado e licenciatura em Geografia e é professor da rede privada do estado de São Paulo e Anselmo Lázaro Branco fez licenciatura em Geografia e também é professor da rede privada de São Paulo. Nosso estranhamento foi que ambos têm formação em Geografia, disciplina diferente de História, que por muito tempo ficaram agregadas uma a outra.

Figura 6: Projeto Buriti
Sumário

Unidade	Título	Temas	Ampliação	O que você aprendeu	O mundo que queremos	Para ler e escrever melhor
1	A descoberta do ouro	1.1 A descoberta do ouro	1.2 A descoberta do ouro	1.3 A descoberta do ouro	1.4 A descoberta do ouro	1.5 A descoberta do ouro
2	O processo de independência do Brasil	2.1 O processo de independência do Brasil	2.2 O processo de independência do Brasil	2.3 O processo de independência do Brasil	2.4 O processo de independência do Brasil	2.5 O processo de independência do Brasil
3	As ideias dos Brancos independentistas	3.1 As ideias dos Brancos independentistas	3.2 As ideias dos Brancos independentistas	3.3 As ideias dos Brancos independentistas	3.4 As ideias dos Brancos independentistas	3.5 As ideias dos Brancos independentistas
4	O governo de D. Pedro II	4.1 O governo de D. Pedro II	4.2 O governo de D. Pedro II	4.3 O governo de D. Pedro II	4.4 O governo de D. Pedro II	4.5 O governo de D. Pedro II
5	Condições da República	5.1 Condições da República	5.2 Condições da República	5.3 Condições da República	5.4 Condições da República	5.5 Condições da República

figura7: Projeto Buriti
Sumário

Unidade	Título	Temas	Ampliação	O que você aprendeu	O mundo que queremos	Para ler e escrever melhor
1	A vida simples	1.1 A vida simples	1.2 A vida simples	1.3 A vida simples	1.4 A vida simples	1.5 A vida simples
2	Entre Alabi e Anselmo	2.1 Entre Alabi e Anselmo	2.2 Entre Alabi e Anselmo	2.3 Entre Alabi e Anselmo	2.4 Entre Alabi e Anselmo	2.5 Entre Alabi e Anselmo
3	A vida simples	3.1 A vida simples	3.2 A vida simples	3.3 A vida simples	3.4 A vida simples	3.5 A vida simples
4	A vida simples	4.1 A vida simples	4.2 A vida simples	4.3 A vida simples	4.4 A vida simples	4.5 A vida simples
5	A vida simples	5.1 A vida simples	5.2 A vida simples	5.3 A vida simples	5.4 A vida simples	5.5 A vida simples

Fonte: VASCONCELOS,2014

Ambos os livros são divididos em unidades. No sumário do Projeto Buriti aparecem nove unidades, cada uma com um título que é trabalhado em três ou quatro temas, depois tem um item que se denomina “Ampliação” que parece ser um texto complementar sobre a temática geral. Logo após, o item, “O que você aprendeu” que procura fazer uma síntese do que foi estudado e, por fim, o item “O mundo que queremos” ou “Para ler e escrever melhor”, em que se projeta algo que se deseja para o futuro, ou se trata de um tema da atualidade relacionado ao conteúdo tratado, ou ainda se apresenta mais algum conteúdo relacionado à temática geral. A primeira unidade inicia com a descoberta do ouro e para nosso estranhamento não se trata em nenhum título ou subtítulo (tema) da escravização negra. Nesta primeira unidade se fala do trabalho nas minas, que era feito pelos escravos, não se trata da resistência, do movimento abolicionista, da abolição e do destino dos negros após a abolição. Num texto complementar na quarta unidade, se trata sobre o dia Nacional da Consciência Negra e de Luís Gama o advogado dos escravos. O que isso significa? A invisibilidade da luta dos negros por liberdade, direitos e dignidade é uma página da história do Brasil que precisa ser melhor trabalhada nos livros didáticos segundo a Lei 10.639/2003.

Figura 8: Projeto Coopera sumário



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

No sumário do livro do Projeto Coopera aparecem as revoltas, o movimento abolicionista, a resistência negra o fim da escravidão e o abandono que o povo negro sofreu com a abolição que não garantiu condições de sobrevivência. É pouco, mas aparece, além de sugerir pesquisas e leituras complementares que provocam reflexões para os alunos e professores.

Identificamos que não se fala de África, nem de tráfico negreiro, mesmo que essa prática continue existindo até 1850. Inclusive os escravos que são levados para trabalhar nas minas, são de região da África diferente e tinham um domínio de tecnologia para exploração de minério, mas pouco se fala sobre isso. A forma de narrar a história dar ênfase aos fatos que envolvem os portugueses e não os africanos. Destacamos no nosso estudo três categorias: trabalho escravo, resistência negra e movimento abolicionista e pós-abolição. A seguir discutiremos cada categoria.

2. A IMAGEM DO NEGRO APRESENTADA NOS LIVROS DIDÁTICOS

2.1 Trabalho Escravo

Em ambos os livros trata do trabalho escravo nas minas, na agricultura cafeeira e nas ruas das cidades.

Nessas imagens do livro Projeto Buriti tem as figuras de escravos trabalhando em minas, eles estão lavando diamantes e ouro:

Figura 9: Projeto Buriti
Lavagem de Diamantes



Fonte: Lucimara VASCONCELOS, 2014

Figura 10: Projeto Buriti
Minas de Ouro



Fonte: Lucimara VASCONCELOS, 2014

Nas figuras são negros escravizados sob a vigília de homens brancos. Esse trabalho era o pior, pois por passar muito tempo sob a água os deixavam doentes:

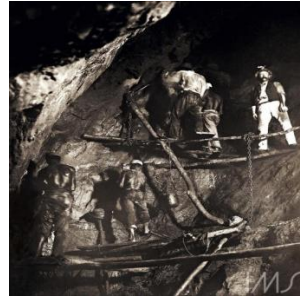
As condições de trabalho nas minas eram extremamente desgastantes. O escravo garimpeiro ficava muito tempo com parte do corpo mergulhada na água dos rios e córregos. O escravo quase que não tinha tempo para si mesmo. Suspeita-se que o escravo das minas vivia menos do que seus parceiros dos engenhos e fazendas de café. Para evitar a morte prematura de seus cativos, os senhores mineiros freqüentemente contratavam enfermeiros ou enfermeiras negros para cuidar dos que labutavam no garimpo. Para muitas doenças recorria-se às ervas típicas da medicina africana ou indígena (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.75-76).

Figura: 11 Projeto Buriti
Lavagem de ouro



Fonte: VASCONCELOS, 2014

Figura: 12 projeto Buriti
mina de ouro

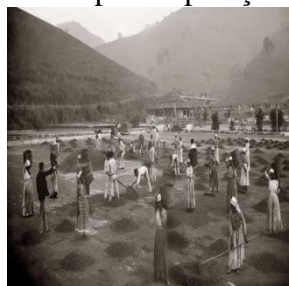


Fonte: Lucimara VASCONCELOS, 2014

Alguns negros escravizados pegavam seus dias de folga ou em um horário oposto ao seu trabalho e iam para as minas para pegarem ouro ou diamantes e esconder pra pagar sua alforria.

Como muitos escravos tinham controle sobre a lavagem do cascalho e, portanto, da localização de pedras preciosas e pepitas de ouro, era possível ocultar algum achado valioso e utilizá-lo na compra da liberdade (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.149).

Figura 13: Projeto Coopera separação de grãos de café



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

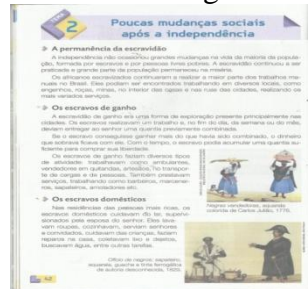
Essa é uma foto tirada no século passado, não é uma pintura é realmente uma foto, onde esta registrada o quão duro era o trabalho escravo. Aqui vemos negros em um cafezal separando os grãos da colheita, onde tem um branco ordenando, pois ele está em uma posição apontando com o dedo dando a entender que ele esta mandando neles. Não dá para notar a expressão facial dessas pessoas, mas com certeza estão muito cansados da vida árdua em que eles foram obrigados a prestar.

Nas fazendas de café do sudeste brasileiro, os escravos trabalhavam de quinze a dezoito horas diárias sob as vistas do feitor.” (ALBUQUERQUE E FRAGA (2006, P. 75). O trabalho no café era muito pesado; a partir das palavras dos autores nota-se o quão difícil era a

vida dos escravos que trabalhavam nos cafezais, não tinham uma folga se quer, e na foto é confirmado a falta de empatia do feitor com os escravos

Existiam também os escravos que moravam nas cidades e trabalhavam vendendo os mais diversos tipos de mercadorias ou em algum tipo de serviço:

Figura:14 Projeto Buriti
Escravos de ganho



Fonte Lucimara
VASCONCELOS, 2014

Figura 15: Projeto Coopera
Escravos de ganho



Fonte: Anselmo branco
e Elian Lucci, 2014

Na figura 8, a primeira imagem é de negras vendedoras e a segunda imagem é de um negro sapateiro. Na figura 9, os escravos estão vendendo frutas, mas sob tortura, com gargalheiras pesando sob seu corpo, como forma de castigo aos que tentavam fugir.

Os negros e as pretas chamados de ganho serviram para tudo no Brasil: vender azeite-de-carrapato, bolo, cuscuz, manga, banana,carregar fardos, transportar água do chafariz às casas dos pobres -trazendo de tarde os proventos para o senhor. (FREYRE, 2003, p. 283)

Esses eram os que viviam na cidade, pois não era diferente do campo, sob vigia dos brancos e acorrentados, para impedir sua fulga, trabalhavam o dia inteiro dessa forma.

2.2 Resistência Negra e Movimento Abolicionista

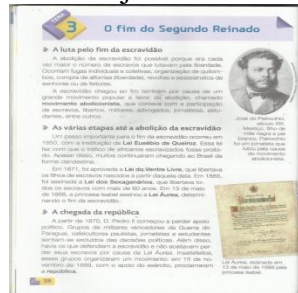
Pouco se fala da resistência negra no período da escravidão, a luta pela libertação ocorreu de forma individual e coletiva. Várias atividades eram realizadas pelos escravos que demonstravam sua revolta pela forma como viviam. De acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.175):

Já os escravos tinham expectativas de que a abolição do cativo acontecesse o mais rápido possível. Estudos recentes demonstraram que os escravos tomaram iniciativas que aceleraram o fim da escravidão, como as fugas, a formação de quilombos e a rebeldia cotidiana. A movimentação dos escravos teve repercussão política e influenciou decisivamente o processo da abolição.

É preciso ficar claro que os negros participaram dessa luta, foram protagonistas, influenciando o processo de abolição, não foi uma dádiva da princesa ou dos brancos, como se falou durante muitos anos nos livros didáticos.

O livro Projeto Buriti do 5º ano mostra nessa pagina um título do terceiro tema que não se refere ao conteúdo que é tratado nos subtítulos sobre os escravos que lutaram pelo fim da escravidão, as leis que aos poucos os escravos foram garantindo sua liberdade e as várias formas de resistência:

Figural6: Projeto Buriti abolição



Fonte: Lucimara VASCONCELOS,2014

Essa página traz em poucas palavras como foi a luta pelo fim da escravidão, que foi, uma conquista dos negros escravizados, houve varias etapas, ou seja, a libertação foi conquistada aos poucos através das leis: **Eusébio de Queiroz**: que era a proibição de tráfico de africanos para o Brasil a partir de 1850; **Lei do Ventre Livre** que libertava filhos de escravas nascidos a partir de 1871; **Lei dos Sexagenários**: a partir de 1885 escravos com mais de 60 anos eram libertos e, por fim, a **lei Áurea** assinada pela Princesa Isabel, em 13 de Maio de 1888, que decretava o fim da escravidão.

Nessa pagina tem 2 imagens: uma é a fotografia de **José do Patrocínio**, mestiço filho de mãe negra e pai branco .Ele era um jornalista que lutou pela causa abolicionista.

Os livros não mostram o movimento abolicionista como uma estratégia de luta pela liberdade, bem como as várias revoltas e guerras como um movimento de resistência e luta por mudanças no país. A segunda imagem é a foto do documento da Lei Áurea. A lei mais curta deste país, que não considerou a pauta de reivindicações dos negros.

A libertação foi um movimento dos negros, não foi unicamente uma decisão tomada pelo branco, foram muitas lutas e resistência para se livrarem da maldosa e triste escravidão.

De acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 176), “depois da abolição da escravidão nos Estados Unidos, em 1865, Brasil e Cuba eram os únicos países que ainda mantinham a exploração do trabalho escravo nas Américas”. O Brasil foi o último país a libertar os escravos, Pois os senhores ficaram dificultando o processo, fazendo exigências de libertar aos poucos, mesmo assim sob condições de que os negros não abandonariam seus senhores. Como afirmam Albuquerque e Fraga Filho, (2006, p.175):

Na verdade, os senhores não queriam perder o controle sobre seus trabalhadores cativos e só admitiam que a abolição fosse feita no longo prazo, com indenização e leis que garantissem que, mesmo depois de abolido o cativo, os ex-escravos não abandonariam suas propriedades.

Só com essa afirmação nota-se que não foi a bondade do branco em libertar. A liberdade foi dada aos poucos, pois, mesmo sendo aprisionados os negros escravizados foram à luta e não desistiram, pouco a pouco foram conquistando e foram sendo implantadas leis que os favoreciam, mesmo que de forma que ainda favoreciam os donos de fazenda e que não executavam essas leis. Então, não tem como dizer que o branco é bonzinho que salvou os

negros, como se eles não fossem nada, por muito tempo os negros escravizados foram tratados como tábua rasa, quando na verdade foram eles mesmos que conseguiram conquistar sua própria liberdade.

Além das leis citadas nos livros existiram outras leis que “asseguravam” alguns benefícios ao negro escravo naquela época, como afirmam Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 177): “Em 1869, foi aprovada uma lei que proibia o leilão público de escravos e a separação de marido e esposa nas operações de compra e venda. Determinou-se, também, que escravos com menos de quinze anos não podiam ser separados de suas mães”.

As famílias não podiam ser separadas, e nenhum escravo ser posto a público para venda como se fossem objetos, mas ainda de acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 177):

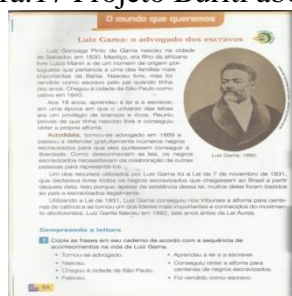
A Lei 2040, de 28 de Setembro, de 1871, mais conhecida como Lei do Ventre Livre. Por ela ficavam livres as crianças recém-nascidas das mulheres escravas, obrigando seus senhores a cuidar delas até a idade de oito anos. Daí por diante os senhores poderiam optar entre receber do governo uma indenização de 600 mil réis ou utilizarem o trabalho dos menores até a idade de vinte e um anos.

Essa lei era um absurdo, visto que mais beneficiava os senhores que as escravas e seus filhos, mas era um começo não tão bom, mas já era um dos sinais de luta. Em relação a compra da liberdade, somente em 1871 foi possível realizar esse ato como afirmam os autores Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.77):

A Lei de 28 de Setembro de 1871 contemplava alguns direitos costumeiros que os negros haviam adquirido ao longo de muitos anos de luta. Por exemplo, a lei reconhecia o direito ao pecúlio, ou seja, que o escravo podia utilizar suas economias para comprar a liberdade.

Então, a compra da carta de Alforria só foi aceitável legalmente 17 anos antes da lei Áurea, mesmo que essa prática ocorresse de forma informal antes. Além dessas leis, é importante o destaque aos abolicionistas que tiveram participação ativa na luta pela liberdade dos negros. Um exemplo é o advogado Luiz Gama que é mostrado no livro projeto Buriti, um abolicionista que através dos tribunais conseguiu a liberdade de muitos cativos, inclusive a sua, sendo um exemplo de resistência e luta.

Figura:17 Projeto Buriti abolição



Fonte: Lucimara VASCONCELOS 2014

Como símbolo maior de resistência destacamos os quilombos. Estes fazem parte da sociedade, estão em toda parte, na época foram formados vários, pois em todo o país estavam

explorando pessoas, e estas quando fugiram buscaram se abrigar no quilombo que era uma forma de resistência. O quilombo é uma delas a mais citada em ambos os livros. Nessa foto seguinte é do livro Projeto Coopera, que fala sobre os quilombos. Esse texto é um pouco da história de Manoel Congo, como podemos ver no texto, ele foi um escravo que participou de uma revolta no Rio de Janeiro. Por ser o líder desse movimento era considerado rei e sua esposa Maria Crioula era a rainha eles eram os líderes do quilombo que organizaram

Figura 18: Projeto Coopera Resistência



Fonte: Anselmo Branco

Figura:19 Projeto Buriti Resistência



Fonte: VASCONCELOS, 2014

Elian Lucci, 2014

No livro Projeto Buriti tem a imagem de jovens comemorando o dia 20 de novembro e, logo abaixo, uma estatua de Zumbi dos Palmares que foi um líder dos quilombos. Não se sabe em que época ele nasceu, a única data é 20 de novembro que foi a data em que foi assassinado, e escolheram essa data para celebrar o dia da Consciência Negra. De acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.120):

Palmares foi uma comunidade quilombola que, no século XVII, ocupava a Serra da Barriga. Essa região se estendia do rio São Francisco, em Alagoas, até as vizinhanças do cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. Tratava-se de um terreno acidentado e de difícil acesso, coberto de espessa mata tropical que incluía a pindoba, um tipo de palmeira, daí o nome Palmares.

Então, por ser um local de difícil acesso, os capitães do mato ficavam com dificuldades de encontrar o povoamento do quilombo. Eles trabalhavam na terra onde moravam, como afirmam Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 120):

Derrubada a mata, o solo era fértil e úmido, próprio para o plantio de milho, mandioca, feijão, batata-doce e banana. A cana-de-açúcar também era ali cultivada para o fabrico de rapadura e aguardente. Experientes no trabalho agrícola, os negros mantinham plantações que lhes garantiam a subsistência.

Mas não parava por aí, pois os moradores tinham estratégias de guerrilha e escapavam da perseguição. Durante muitos anos resistiram às forças da coroa portuguesa, era um reino independente que ameaçava os senhores de engenho da região. Foi então designado o capitão Fernão Carrilho, um sertanista que já havia exterminado dois quilombos em Sergipe. Depois de algumas tentativas sem sucesso, finalmente, foi destruído, assassinado o povo e suas lideranças, em 20 de novembro Zumbi foi morto.

O quilombo não foi apenas uma resistência de fuga, também houveram batalhas que durou por muitos anos. Essa é apenas uma das historias mais conhecidas, no Brasil, por isso é a mais comentada a força de um povo unido que mesmo tendo em suas mãos poucos recursos para defesa, nenhum deles desistiu, como afirmam as palavras de Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.125):

Haviam passado mais de 65 anos de combates, porém o mais importante quilombo brasileiro e o maior das Américas fora vencido. Zumbi permaneceu escondido na mata que tão bem conhecia. Mas no dia 20 de novembro de 1695 ele foi capturado ao lado de apenas vinte homens, que em pouco tempo foram trucidados. Para o rei quilombola foi reservada a decapitação. Sua cabeça foi espetada em um poste da praça principal do Recife, como exemplo para outros rebeldes.

Muitos quilombos foram formados em todo país, A luta de Zumbi e Manoel Congo, só favoreceu que muitos outros anônimos se organizassem e lutassem por liberdade, falta apenas conhecer mais essa história de lutas e revoltas. No livro Projeto Coopera, na página 10, aparece um mapa do Brasil com a indicação de várias revoltas. É preciso conhecer essas lutas para entender que o povo negro, os trabalhadores, muitos lutaram por direitos e dignidade, por terra e moradia, a exemplo dos quilombolas.

Figura 20: Projeto coopera quilombos



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

Na pagina 26 do livro Projeto Coopera tem duas imagens de quilombolas de cidades diferentes a primeira é um homem negro empurrando um carrinho de mão carregando o que parece ser um garrafão grande de água e a segunda são crianças sentadas na calçada. De acordo com o texto, os antigos quilombos não foram destruídos, mas foram se transformando e se adaptando as cidades que foram se formando com o passar do tempo. Varias comunidades afrodescendentes foram formadas. Como o próprio texto fala as comunidades quilombolas nem sempre foram afastadas de tudo, a maneira como é falado dar-se a entender que os quilombos ficam longe, mas é só olhar as fotos e vermos que eles ficam dentro da cidade. Isto ocorre dependendo da época em que foram formados, Em alguns momentos os quilombos existiram em lugar de difícil acesso, mas depois da abolição várias comunidades de negros surgiram em locais perto da cidade, ou mesmo dentro de algumas cidades, alguns bairros pareciam verdadeiros quilombos. Cabe ao professor mostrar as fotos e falar sobre essas comunidades negras e depois orientar as atividades do livro, para que os alunos fiquem informados.

De acordo com a lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 do Estatuto da Igualdade Racial

Art 35. O poder público garantirá a implementação de políticas públicas para assegurar o direito à moradia adequada da população negra que vive em favelas, cortiços, áreas urbanas subutilizadas, degradadas ou em processo de degradação, a fim de reintegrá-las à dinâmica urbana e promover melhorias no ambiente e na qualidade de vida.

Parágrafo único. O direito a moradia adequada, para os efeitos desta Lei, inclui não apenas o provimento habitacional, mas também a garantia da infraestrutura urbana e dos equipamentos comunitários associados à função habitacional, bem como a assistência técnica e jurídica para a construção, a reforma ou a regularização fundiária da habitação em área urbana.

Todos têm direito a moradia, e é dever do governo organizar essas áreas para segurança da população, ou seja, toda infraestrutura necessária das ruas, onde favorece iluminação adequada, ruas calçadas, limpeza urbana, segurança pública, etc. No caso da comunidade quilombola, não pode ficar de fora, pois o governo deve contribuir para segurança deles e não os deixar fora da constituição. Na foto do livro acima vemos comunidades quilombolas localizados em locais diferentes, um em zona rural, e o outro localizado na zona urbana, e tanto um e outro não deve ser esquecidos, pois as pessoas nas suas comunidades precisam da intervenção do governo garantindo os direitos básicos de sobrevivência, além disso essas comunidades carregam uma história e ancestralidade que deve ser preservado.

Nosso estranhamento foi a figura a seguir retratando a Princesa Isabel como uma santa venerada por pessoas negras, como se fosse ela a grande responsável pela libertação dos negros.

Figura 21: Projeto Coopera abolição



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

Logo de entrada, vemos uma imagem ocupando mais da metade da página. Parece uma espécie de memorial, em homenagem a princesa Isabel, a mulher que está na foto em cima da mesa e tem uma fila de ex-escravos negros, cada um com flores nas mãos, deixando lá ao lado da foto. A pintura passa uma imagem positiva da princesa, negando a luta dos negros escravizados, que tanto batalharam para ter sua liberdade, talvez porque durante muitos anos acreditava-se que quem libertou os escravos foi uma única mulher, como se nunca houvesse uma resistência por parte dos escravos.

Na página seguinte tem um texto que fala o contrário do que está na imagem, provocando os alunos a se posicionarem sobre qual das versões da história eles concordam e o porquê de suas posições.

A realidade é que os europeus nunca se preocuparam com os escravos, pois escravo não era considerado como ser humano, era mercadoria, pois com o desenvolvimento do capitalismo, o escravo não recebia pelo o que trabalhava e isso era ruim para os negócios.

A Inglaterra era sim contra o trabalho escravo, mas tinha interesses econômicos envolvidos, como por exemplo, se eles estivessem empregados normalmente, estariam recebendo salário, e com isso, teriam dinheiro para gastar e comprar os produtos importados, algo que geraria lucro para as empresas. Resumindo, não teve nenhuma bondade por parte dos ingleses de exigirem o fim da escravidão.

No caso da princesa, apenas assinou uma lei que dizia do fim da escravidão e nada foi feito para o benefício dos escravos, eles não receberam indenização, terra, trabalho, moradia. Como eles iriam sobreviver a partir daquela data? Nenhuma política pública foi feita para dar condições de vida para os ex-escravos. Em que essa princesa era benfeitora?

No livro Projeto Coopera, na página 25, tem um texto que fala da falta de assistência sofrida pelos negros após a abolição e as conseqüências geradas refletidas ainda hoje. O governo chegou a financiar a vinda de imigrantes que ocuparam os postos de trabalho e o negro foi escanteado, ficando com os piores trabalhos, mais pesados e mal pagos.

O Pós-Abolição

Nos livros didáticos, não é falado sobre o que aconteceu com os escravos após a lei áurea. Apenas é mostrado a vida do negro décadas depois da abolição

[...] passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente [...] após a assinatura da Lei Áurea, não houve uma orientação destinada a integrar os negros às novas regras de uma sociedade baseada no trabalho assalariado (MARINGONI, 2012, p. S/P).

Nem o governo, nem as elites, da época, não deram nenhuma importância a população negra que foi jogada nas ruas, pois depois que chegaram as indústrias chegaram com elas imigrantes italianos e de diversos países europeus. Foram eles que trabalharam e recebiam um salário, diferente do modo que fizeram com os africanos, e quando conseguiram sua liberdade foram esquecidos. Até nos livros didáticos não fala bem o que aconteceu, dar-se a entender que depois da abolição tudo ficou bem, mas não ficou, pois o negro não era visto como um ser humano era tratado como lixo, um ser inferior, nem podia ter um trabalho, nem podia ir pra escola.

A sociedade brasileira reverteu para as regras que haviam sido ameaçadas pela experiência abolicionista e milhões de brasileiros, descendentes dos escravos continuaram vivendo de forma semelhante aquela em que viviam sob a escravatura, dado à indigência a que foram lançados. A abolição da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena (MENEZES, 2009, p.100).

Conforme as palavras da autora, não foi feito nada que os beneficiasse, apenas excluíram ainda mais os negros da sociedade. Após a lei Áurea nos livros didáticos, não é mencionado o que eles fizeram, apenas é possível encontrar algo sobre o assunto em livros de leitura sobre a história dos negros. Algumas imagens (tanto em fotos quanto em figuras) são mostradas de negros, no mundo atual, onde eles têm empregos formais e tem suas famílias, mas são mostrados em minoria, como se a maioria dos brasileiros fossem brancos e isso todos

sabem que não é verdade, mas infelizmente o livro didático não representa o negro da forma como deveria representar.

Algumas imagens foram selecionadas dos dois livros, o Projeto Buriti e o Projeto Coopera para mostrar como o negro é representado depois de décadas do pós abolição. No livro Projeto Buriti:

Figura: 22 Projeto Buriti mãos que construíram o Brasil



Fonte: VASCONCELOS, 2014

Essa imagem é da unidade 7 e fala sobre as duas ditaduras. Essas são duas fotografias seguradas por mãos de uma pessoa negra, é como se ela estivesse olhando as fotos fazendo uma comparação das construções em Brasília. O que isso significa? e o que essa imagem quer passar é que foi o negro que fez tudo e que construiu Brasília. É preciso mostrar como o negro está presente nas várias situações do cotidiano do país, fazendo história.

Algumas revoltas continuaram ocorrendo envolvendo a população negra, como a revolta da vacina, da chibata e Canudos, mas não se registra essa questão da cor, não se fala que a maioria das pessoas mais humilde é de origem negra. Operários, trabalhadores de vários setores que se revoltam na luta por direitos vão ser pessoas negras ou mestiças que não encontram espaços, formações, e muitos são excluídos mesmo, por conta da cor da pele do mercado de trabalho.

Muitas crianças brasileiras negras foram excluídas das escolas durante décadas, estudar era um privilégio das elites sendo representadas pela maioria de pele branca. Hoje a Constituição Federal garante esse direito a todas as crianças e adolescentes de 04 a 17 anos freqüentar e também a todas as pessoas que não tiveram acesso a educação na idade correta. O livro do Projeto Coopera mostra três escolas públicas, uma da zona urbana, outra da zona rural e uma escola indígena e provoca uma reflexão sobre as condições de funcionamento e questiona se hoje se tem mais condições de freqüentar uma escola do que em 1900.

Figura23: Projeto Coopera



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

É importante destacar a importância da educação pública para todos, que é um direito que todos devem se empenhar para usufruir. Na página 113 do livro do Projeto Coopera, fala da educação e afrodescendentes, como um direito que deve ser garantido para todos, por isso, deve se combater a desigualdade social e promover a inclusão, porém, não cita na lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. É muito superficial o que é proposto e não desperta um novo olhar para história do negro.

A página 49 do Projeto Coopera trata sobre a influência na formação cultural do povo brasileiro e aparecem fotos de várias comidas típicas de povos diferentes que migraram para o Brasil. Quando o livro se refere as danças não aparece a influência africana o que é muito estranho, pois a influência está muito presente na música, com vários ritmos, na dança e festas realizadas em várias regiões do país. O que significa essa invisibilidade da influência negra e indígena na cultura nacional?

Quando o livro didático aborda a imigração hoje, trás um exemplo da América Latina, um boliviano e se refere ao trabalho escravo nos dias atuais. É desatacadado o cuidado com as leis, a fiscalização e o combate ao trabalho escravo. Essa problemática da imigração tem atingido diversos países africanos, milhares de negros têm morrido, mas não aparece nada nos livros didáticos. Essa invisibilidade da realidade do povo negro no país e fora dele significa o quê?

Ainda no Projeto Coopera, na página 54, trata sobre o trabalho infantil e aparecem duas fotos de crianças trabalhando em uma fábrica e uma criança negra vendendo água no semáforo.

Figura 24: Projeto Coopera trabalho infantil



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

Aqui temos a imagem de duas fotos; uma de 1910 onde tem crianças trabalhando no mesmo lugar que adultos, A organização dos trabalhadores na luta por direitos e condições de trabalho mais dignas, acabou com o trabalho infantil e, desde 1990, que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, consolidou que criança deve brincar, estudar e na adolescência pode se inserir como aprendiz no mercado de trabalho, mesmo assim, não pode abandonar a escola.

Na segunda imagem do ano de 2009 é um garoto negro vendendo água. A imagem do negro nessa foto é de condição subalterna, é uma foto triste, pois essa criança deveria estar na escola, hoje em dia crianças não podem trabalhar, como vimos anteriormente, mas infelizmente as condições sociais de algumas famílias necessitam do trabalho de todos os membros da família, pode até ser que essa criança esteja trabalhando em um horário oposto ao da escola, mesmo assim é algo difícil de aceitar, pois não é normal criança trabalhar.

Figura 25: Projeto Buriti Crianças no museu



Fonte: Lucimara VASCONCELOS

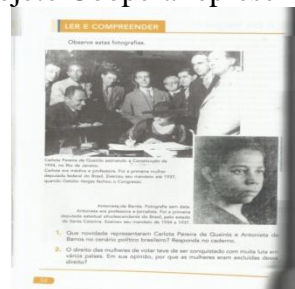
Nas páginas 52 e 53 são do livro Projeto Buriti, mostrando crianças em um museu observando quadros. As crianças brancas estão representadas “normais”, mas as crianças negras estão representadas de forma estranha, pois estão muito caricaturizadas, não da para compreender o motivo dessas crianças estarem representadas dessa maneira isso gera um incômodo.

Um dos objetivos dos PCNs (Parametro Curriculares Nacionais de pluralidade cultural) é:

“conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.” (BRASIL, 1997,p.6)

Se um dos objetivos esta em o aluno não ser preconceituoso, por que será que colocaram uma figura representando o negro de forma diferente dos demais? Se o ser humano é bípede então o certo deveria representá-lo com as costas eretas. O PCN diz uma coisa e o livro faz diferente?

Figura 26: Projeto Coopera representação feminina



Fonte: BRANCO; LUCCI, 2014

Na política, a pagina 58 do livro Projeto Coopera, dá destaque a segunda foto. De acordo com a descrição da foto é: “Antonieta Barros era uma professora e jornalista e ela foi a primeira deputada estadual afro descendente do Brasil pelo estado de Santa Catarina esse lugar a maioria das pessoas são brancas e uma mulher negra ganhou as eleições e exerceu seu mandato de 1934 a 1937”. (BRANCO, LUCCI, 2014,P.58) De acordo com as duas imagens

as mulheres já ocupavam cargos na política desde a constituição de 1934 foi uma conquista muito grande.

Apesar de ainda o negro não ser bem visto essa mulher conquistou sua independência, conseguindo com mérito do seu trabalho, pois ela ganhou as eleições em um estado onde a maioria é formada por pessoas brancas.

Dentre os impasses que fazem parte da realidade brasileira, as questões que envolvem o contexto existencial do negro representam um dos maiores dilemas nacionais e permitem ver que existem, também, diversas tentativas para buscar mudanças profundas, provenientes dos mais distintos setores da sociedade. (BRASIL, 2018, p. 29)

O livro traz Antonieta como protagonista; uma mulher negra com dois empregos formais: jornalista e professora e também ganhou as eleições na dec de 1930, em um estado onde predominantemente a maioria das pessoas são brancas, nessa época o racismo prevalecia forte. De acordo com o caderno de política é uma questão que envolve o existencial negro, isso foi algo muito positivo, pois um lugar onde maioria pele cor clara e uma época em a falta de empatia com o próximo era muito alto comparando aos dias de hoje, é maravilhoso saber da notícia de uma mulher negra que batalhou pra consegui seu espaço.

Outro exemplo do período do governo de Vargas foi a capoeira:

Figura 27: Projeto Buriti capoeira



Fonte: VASCONCELOS, 2014

Duas páginas completas com imagem de um grupo de capoeira, é a 6ª unidade, fala sobre A Era Vargas, com uma foto de pessoas jogando capoeira, há muitas pessoas negras na foto. A capoeira iniciou na primeira metade do século XIX, como afirmam Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.224): “na primeira metade do século XIX a capoeira era praticada pelos escravos e libertos. Jogar capoeira consistia no uso de agilidade corporal e no manejo da navalha para golpear os adversários”.

A repressão era grande contra capoeiristas, pois eram considerados desordeiros eles foram forçados a participar de batalhas e sempre eram colocados a frente, também foram contratados como informantes ou capangas pela própria polícia. Como afirmam Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 244):

Para a polícia eles eram vadios e desordeiros sempre dispostos a afrontá-la com violência.[...] Ao longo de todo século XIX um dos grandes objetivos da ação policial foi a repressão aos capoeiras[...]O recrutamento forçado para o Exército e a Guarda Nacional era uma forma de puni-los.

Por causa do recrutamento a capoeira conquistou muitas pessoas da população livre e eram muito prestigiados por elas com isso passou a ser comum militares começarem a praticar capoeira. Jornalistas se incomodavam com isso e chamavam de capoeiragem: “Capoeiras eram contratados pela polícia como informantes ou por políticos como capangas, enquanto se multiplicavam nos jornais de várias cidades queixas contra a capoeiragem” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.244). Eram usadas pessoas praticantes do esporte para fazer serviços para a elite, ou para própria polícia.

Figura 28: Projeto Buriti Símbolos do Brasil



Fonte: VASCONCELOS, 2014

O livro do Projeto Buriti apresenta três símbolos do Brasil, são eles: samba, capoeira e futebol. A representatividade é mostrada quando fala nesses três assuntos, pois aos poucos foram sendo incorporados como símbolos de nacionalidade, se fossem falar de todos os símbolos nacionais teria de ser um livro para falar sobre eles. Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006), além desses três, o candomblé também entra na lista. O livro didático menciona três símbolos, e não se refere ao candomblé. Vejamos o que é afirmado por Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.225):

Ao longo das décadas de 1930 e 1940 essas idéias de mestiçagem e de democracia racial foram entrelaçadas na construção de uma identidade nacional. Nesse movimento, samba, capoeira e candomblé foram aos poucos incorporados como símbolos de nacionalidade, expressões da síntese cultural própria ao Brasil. Essa noção de identidade nacional pressupunha que tínhamos uma cultura homogênea e singular, resultado da miscigenação racial.

O Brasil é um país multicultural que recebeu muitos imigrantes e mesmo com o processo de miscigenação racial não se gerou uma cultura homogênea, pelo contrário, convivemos com uma diversidade e pluralidade de culturas que é impossível pensar uma identidade nacional, são várias identidades, são vários símbolos que representam o país. Esses são expressões da cultura afrobrasileira que só depois de muita resistência, foram reconhecidos como brasileiros, sofreram perseguições, discriminações e, ainda hoje, tem pessoas que não respeitam como cultura, tem pessoas que classificam como subcultura, cultura marginal, folclore. Do samba surgiram várias expressões de músicas. A capoeira é reconhecida como esporte e o futebol é a expressão maior do esporte nacional, o candomblé sofre com histórias de rejeição de várias religiões, talvez por isso não foi citado pelo livro didático.

Trazer essas discussões para o cotidiano escolar podem ajudar na superação do preconceito, do racismo e discriminação. O samba, por exemplo, é um ritmo que nasceu no

Brasil, de acordo com o livro didático analisado, o ritmo era considerado pelas elites como inferior, mas o presidente da época que era Getúlio Vargas, o elevou a categoria de canção popular nacional, com isso, o samba passou a ser hoje um dos ritmos que é a cara do Brasil. De acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 237): “Mas foi com nomes do samba carioca como Sinhô, Donga, João da Baiana e Heitor dos Prazeres que o samba conquistou o lugar de principal símbolo nacional”. Grandes compositores que marcaram a história do samba.

A capoeira como já citada antes, é um esporte que foi praticado por africanos que foram escravizados no Brasil e durante um tempo foi criminalizado por muitos, principalmente, pela elite e no ano de 1937 foi descriminalizado por Getúlio Vargas, presidente do país, naquela época. Na década de 30, de acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 247):

O mestre Bimba reinventou o jogo da capoeira incorporando golpes das lutas marciais que faziam sucesso na época, sem dissociá-la de suas raízes negras. Ao mesmo tempo ele promoveu a inclusão de jovens brancos nos grupos de capoeira regional. Em 1933, veio o reconhecimento oficial como prática desportiva e a sua inclusão entre as práticas do pugilismo, tal qual o boxe e o jiu-jitsu. Estava em curso o processo de descriminalização da capoeira, que foi conquistando a condição de luta genuinamente brasileira.

Hoje em dia temos escolinhas que dão aulas de capoeira e também é uma disciplina como prática de esporte nas escolas de ensino fundamental I

A fala dos autores mostra parte da história de um dos estilos de capoeira, a regional que tinha o mestre Bimba como referência e como a capoeira foi conquistando espaço e levando a quebra do preconceito.

Os símbolos do Brasil não foi algo inventado, teve uma história por trás disso, teve conquistas e lutas, futebol, samba e capoeira, quando se fala em um desses o Brasil é logo lembrado, pois esses símbolos passaram por um processo de evolução, o que era mal visto por uns era bem visto por outros, e graças a essa boa visão o país não tem somente um mas tem três símbolos, atualmente é bem difícil saber que tem um brasileiro que não gosta de futebol, ou de samba ou de capoeira, não que seja obrigatório todos gostarem dos três, mas cada brasileiro gosta de um desses.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa feita a partir da análise comparativa dos livros Projeto Buriti e Projeto Coopera contribuiu para ampliação do meu conhecimento, que até um determinado momento da pesquisa não tinha a total compreensão das temáticas que estão envolvidas nesse trabalho. O estudo delas ampliaram meu aprendizado para futuras experiências em sala de aula.

O estudo foi dedicado somente em analisar a maneira como o negro é retratado nos livros e por este motivo ficou a escolha de uma análise comparativa dos dois livros de História do 5º ano para saber como cada livro apresenta o negro.

Essa pesquisa me fez perceber, a necessidade de estudar mais sobre o tema étnico. Vários africanos ao chegar ao Brasil deixaram suas marcas e histórias, e foram se misturando a outras culturas. Atualmente temos identidades que vão sendo construídas cada vez mais com influência negra, a cultura que cada um tem foi resultado de uma jornada longa de

sofrimentos e lutas por liberdade que é de extrema importância ser trabalhada em salas de aula; é um conhecimento que não pode faltar nos livros de História.

Assim, na formação do curso de Pedagogia essa tema precisa ser mais trabalhada para permitir que todas as pessoas adquiram esse conhecimento na formação inicial para que possam desenvolver um trabalho melhor em sala de aula. As lacunas existentes no LD, só serão identificadas com uma formação mais detalhada.

De acordo com o objetivo geral apresentado, o negro inicialmente é mostrado em posição subalterna, ou seja, na condição de escravo no Brasil. Quando fala sobre o negro, os livros falam diretamente sobre a escravidão, já o trazendo de maneira subalterna, com pinturas e fotografias deles trabalhando nessa condição. A capa dos livros escolhidos mostram o negro como protagonista: a capa do livro Projeto Buriti mostra um robô negro e a capa do livro Projeto Coopera mostra uma família onde todos os membros são negros.

Nos dois livros foi constatado a representatividade do negro e sua imagem é mostrada de forma subalterna e também de protagonista. Como símbolos de luta e resistência temos a presença de Manuel Congo e Zumbi dos Palmares que foram dois líderes quilombolas. Nota-se a influência negra presente na história do país como por exemplo o samba, a capoeira e o futebol. Finalizando a temática contribuiu de maneira positiva, pois ampliou meus conhecimentos e isso permitiu na análise comparativa identificar as lacunas sobre as diversas formas de resistências e a ausência do negro nos primeiros anos após a abolição, porém confirmamos que os dois livros atendem a lei 10.639/2003.

4. REFERENCIAS

África: berço da humanidade e da civilização
ceert.org.br ACESSO EM 06/05/2019 disponível em:
<https://ceert.org.br/noticias/afrika/17310/afrika-berco-da-humanidade-e-da-civilizacao>

ALBUQUERQUE, WlamyraR. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. George Gaskell. org.; Pedrinho A. Guareschi. trad. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 189-215.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais - Pluralidade Cultural e Orientação Sexual
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf> Acesso em: 14/05/2019
BRASIL, política De Educação Para as relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e cultura Afro-brasileira e Africana
Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/documentos/cadernos-sobre-as-diversidades-e-os-temas-que-os-compoem/7380-caderno-politica-de-educacao-para-as-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana-nead> Acesso em: 14/05/2019

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal Recife PE: Ed.Global,2003

LUCCI, Elian; BRANCO, Anselmo Projeto Coopera. São Paulo: Saraiva, 2014

MARIGONI, Gilberto. O DESTINO DOS NEGROS APÓS A ABOLIÇÃO

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-destino-dos-negros-apos-abolicao-por-gilberto-maringoni/> Acesso em: 22/05/2019

MENEZES, Maria. Abolição no Brasil: A construção da Liberdade
Revista Ristedbr On-Line

VASCONCELOS, Lucimara. Projeto Buriti. São Paulo: Moderna, 2014

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por me iluminar e fazer com que eu me sinta forte, principalmente nos momentos de fraqueza aos quais eu queria desistir.

Agradeço a minha família: Lucilene (mãe) por sempre estar do meu lado confiando e fazendo com todo seu amor eu acreditar que sou capaz, Severino (pai), João Paulo e Pedro (irmãos), e a meu marido Regivaldo, por estarem ao meu lado e me incentivarem para que eu nunca desistisse de continuar com o curso que escolhi e me aconselhando que sou capaz de realizar meus sonhos.

A minha cunhada Vagna por estar ao meu lado, me aconselhando seguir o caminho certo.

A Erick Ryan (sobrinho), por ter me inspirado a ingressar na pedagogia.

As minhas tias: Maria da Guia, Josefa, Espedita, por estarem preocupadas comigo no curso.

Aos meus primos: Maria José, Priscila, Vinicius e Kalina, por me incentivarem.

Aos meus professores que com seu amor e sabedoria me guiaram para o caminho certo; em especial, a minha orientadora Margareth que com muita paciência me mostrou que sou capaz de realizar meus projetos e me ajudou com o empréstimo dos livros.

Aos meus amigos: Nely minha primeira amiga que conheci na UEPB que teve paciência e me incentivou bastante, a Alana stherphane, Albanisa, Leiliane, Anna terra, Erica e Nathália por me incentivado durante o curso, a Perola Hadassa por me ajudar em uma fase difícil que passei no curso, a Janaina por me apresentar ao grupo de pesquisa de História e por sempre ser minha amiga, a Stefanne Viviane, a Victor Manuel, a Marcelo, Áurea e Alexandre por sempre serem meus amigos, me fazerem sorrir e me estimularem a nunca desistir do curso, a Luana por ter confiado em mim me ajudado com o empréstimo do livro, a todas do grupo de pesquisa, pela união. A Sonia Maria minha primeira professora que esteve sempre em contato, estimulando e mostrando preocupação e o melhor caminho a seguir.

Em fim, Agradeço a todos vocês por estarem presentes em minha vida e nunca terem se afastado de mim.